

## **BARREIRAS NO DESENVOLVIMENTO DE INOVAÇÃO SOCIAL: UM ESTUDO A PARTIR DO NÚCLEO EXTENSIONISTA RONDON (NER-UDESC)**

Eloisa Torlig

[eloisatorlig@gmail.com](mailto:eloisatorlig@gmail.com)

### **RESUMO**

O estudo tem como objetivo identificar barreiras no desenvolvimento de inovação social, a partir do Núcleo Extensionista Rondon (NER-UDESC). Em uma abordagem qualitativa, realizaram-se entrevistas e grupos focais com atores envolvidos no projeto. Os resultados apontam diversas barreiras no desenvolvimento de inovação social, como a escassez de recursos financeiros, falta de engajamento do poder público, falta de apoio institucional, arranjos interorganizacionais limitados, lacunas de conhecimento e comunicação, resistência à mudança, e limitações de recursos físicos e de pessoal. Considerando o potencial do NER-UDESC em ser um instrumento para criar conexões duradouras com os municípios, viabilizando a integração universidade-sociedade, espera-se que este estudo possa auxiliar os formuladores e decisores políticos na tomada de decisões, estimulando o desenvolvimento de políticas, colaborações intersetoriais e modelos colaborativos em prol da inovação e bem-estar social.

**PALAVRAS-CHAVE:** Barreiras. Inovação Social. NER-UDESC.

## **BARRIERS IN THE DEVELOPMENT OF SOCIAL INNOVATION: A STUDY FROM THE NÚCLEO EXTENSIONISTA RONDON (NER-UDESC)**

### **ABSTRACT**

The study aims to identify barriers in the development of social innovation, from the Núcleo Extensionista Rondon (NER-UDESC). In a qualitative approach, interviews and focal groups were performed with actors involved in the project. The results point to various barriers in the development of social innovation, such as the scarcity of financial resources, lack of public engagement, lack of institutional support, limited arrangements, knowledge and communication gaps, resistance to change, and limitations of physical resources of staff. Considering the potential of the NER-UDESC in being an instrument to create lasting connections with the municipalities, enabling university-society integration, this study is expected to help policy-makers in decision-making, stimulating policy development, intersectoral collaborations, and collaborative models for innovation and social welfare.

**KEYWORDS:** Barriers. Social innovation. NER-UDESC.

## **BARRERAS EN EL DESARROLLO DE LA INNOVACIÓN SOCIAL: EL ESTUDIO DEL NÚCLEO EXTENSIONISTA RONDON (NER-UDESC)**

## RESUMEN

El objetivo del estudio es identificar las barreras en el desarrollo de la innovación social, desde el Núcleo Extensionista Rondon (NER-UDESC). En un enfoque cualitativo, las entrevistas y los grupos focales se realizaron con actores involucrados en el proyecto. Los resultados apuntan a diversas barreras en el desarrollo de la innovación social, como la escasez de recursos financieros, la falta de compromiso de poder público, la falta de apoyo institucional, los acuerdos interorganizacionales limitados, los gustos de conocimiento y la comunicación, la resistencia al cambio y las limitaciones de los recursos físicos del personal. Teniendo en cuenta el potencial del NER-UDESC en ser un instrumento para crear conexiones duraderas con los municipios, lo que permite la integración de la sociedad universitaria, se espera que este estudio ayude a los responsables de la política en la toma de decisiones, estimulando el desarrollo de políticas, las colaboraciones intersectoriales y los modelos de colaboración para Innovación y bienestar social.

**PALABRAS CLAVE:** Barreras. Innovación social. NER-UDESC.

## 1 INTRODUÇÃO

Iniciativas de inovação social são ativadas ou inibidas através de diferentes tipos de recursos, capacidades e restrições, dependendo da cooperação dos atores, formação de redes, colaboração entre a tripla e quádrupla hélices, combinações de conhecimentos, aportes de fundos, envolvimento do usuário e condições institucionais. Esses elementos estão intimamente relacionados aos processos de inovação social (DOMANSKI; KATETKA, 2018).

A literatura de inovação social lista diversas barreiras, como acesso ao financiamento, disponibilidade de modelos de escala, habilidades e formação insuficientes, ausência de redes e intermediários (CAULIER-GRICE *et al.*, 2010). Além disso, a ausência de redes tem efeito direto na motivação do inovador social, no acesso a recursos e na intensificação das ideias, o que pode explicar muito do sucesso ou fracasso de inovações sociais (MULGAN *et al.*, 2007; LETTICE; PAREKH, 2010).

Considerando a complexidade do fenômeno e os desafios postos, as universidades podem desempenhar um papel importante no desenvolvimento de inovação social. Do ponto de vista da integração entre ensino, pesquisa e extensão, através da sua participação na comunidade, as universidades podem combinar os conhecimentos emergentes e criar formas novas de conhecimento para sustentar pontos fortes de pesquisa, fomentar um ensino inovador e mais amplamente satisfatório para as partes interessadas (CUNHA; BENNEWORTH, 2013).

Desse modo, considerando que há uma carência de literatura sobre as barreiras à inovação enfrentadas pelos inovadores sociais (LETTICE; PARECK, 2010), dos setores e níveis de análise no desenvolvimento de inovações sociais (PHILLS; DEIGLMEIER; MILLER, 2008), e o potencial das universidades como fontes de inovações sociais (CUNHA;

BENNEWORTH, 2013), o objetivo deste trabalho é identificar barreiras no desenvolvimento de inovação social, a partir do Núcleo Extensionista Rondon (NER/UEDESC).

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

Mulgan *et al.* (2007) identifica a falta de redes como uma barreira significativa para o desenvolvimento de inovações sociais. Por um lado, colaboração entre setores e com múltiplos stakeholders pode levar a inovações sociais altamente bem-sucedidas, mas pode, também, levar a tensões de objetivos mistos e conflitos de interesses, sendo uma barreira à inovação social (HOWALDT *et al.*, 2016).

Ademais, a complexidade e a natureza multifacetada dos problemas sociais, bem como a falta de financiamento, complexidade do problema, falta de pessoal, aversão ao risco e lacunas de conhecimento são desafios para os inovadores sociais (DHONDT *et al.*, 2018; CHALMERS, 2013). Ademais, a escassez de recursos financeiros, humanos, de conhecimentos, recursos legais e políticos, e falta de capacidades organizacionais, liderança e infraestrutura são barreiras que fazem com que a inovação social falhe na ampliação (HOWALDT *et al.*, 2016).

Além disso, regras e regulamentos podem ser considerados barreiras (DHONDT *et al.*, 2018), bem como resistência à mudança, aversão ao risco, e estruturas centralizadas e hierárquicas (HOWALDT *et al.*, 2016). Além disso, as barreiras podem também ser configuradas pela cultura administrativa dominante ou objetivos conflitantes (EUROPEAN COMMISSION, 2014), pela pressão regulatória e burocracia, rigidez organizacional, falta de confiança, práticas inconsistentes, o que afeta diretamente no modo em que as demandas sociais são apreendidas, como o conhecimento é compartilhado, e as soluções para demandas sociais são implementadas e avaliadas, ou seja, afeta todo o processo de inovação social (MULGAN, 2006; MURRAY *et al.*, 2010).

Considerando que a inovação deve envolver o fracasso, o processo inovativo se torna mais fácil quando os riscos estão contidos, o fracasso é aceito, já que os usuários têm escolhas e as expectativas são gerenciadas (MULGAN, 2006). A depender do arranjo governamental, por sua vez, serão direcionados mais ou menos esforços para as necessidades sociais e o papel da sociedade civil. Muitas inovações sociais são dificultadas pelas abordagens tradicionais nas políticas públicas, por isso, é preciso ir além de regras e regulamentos, é preciso estruturar políticas de inovação social (HOWALDT *et al.*, 2016).

### 3 MÉTODO

Em relação à abordagem, trata-se de pesquisa eminentemente qualitativa, que é apresentada como uma forma adequada para entender a natureza de um fenômeno social de maneira a aprofundar a compreensão do objeto estudado (RICHARDSON, 1999). Ademais, o estudo também é descritivo porque visa descrever as características, comportamento e percepções do fenômeno. O estudo é transversal, de modo a compreender a realidade de uma população, em determinado momento. Considerando o delineamento do estudo, optou-se por utilizar a técnica do estudo de caso (YIN, 2005).

Os procedimentos metodológicos desse estudo envolveram revisão de literatura, pesquisa documental, realização de entrevistas com alunos, professores e técnico-administrativos ligados ao Núcleo Extensionista Rondon da Universidade do Estado de Santa Catarina (NER-UDESC). Entre junho e agosto de 2018, foram realizados dois grupos focais com alunos, um grupo focal com professores partícipes do Projeto Rondon, duas entrevistas com gestores públicos e cinco entrevistas com professores municipais de Rancho Queimado – SC, e uma entrevista com a coordenação-geral do projeto, no Ministério da Defesa, totalizando 38 pessoas ouvidas no processo de pesquisa, conforme Quadro 1. Ressalta-se que houve um delineamento na amostra visando à área da educação, pois o contato inicial do município de Rancho Queimado com a UDESC, para o desenvolvimento do Projeto Rondon na região, foi iniciado pela secretária de educação, em 2013.

**Quadro 1. Caracterização da amostra**

Grupo	Local	Carac. Amostra	Divisão estratégica	Coleta de dados	Codificação
Universidade	UDESC (Florianópolis)Rondeio-SC; Universidade de Brasília - UnB	16 alunos 6 técnicos-administrativos 8 professores	Coordenação estratégica; Coordenação técnica; Professores e Alunos	Grupos Focais com alunos e professores; Entrevistas semiestruturadas (saturação teórica)	Alu Prof CoordTécProf CoordTécAlu CoordEstrTéc CoordEstrProf
Comunidade	Rancho Queimado-SC	5 professores municipais	Comunidade	Entrevistas semiestruturadas	Comunid
Governo Municipal	Rancho Queimado-SC	Ex-secretária de educação Ex-assistente da secretária de educação	Governo Municipal	Entrevistas semiestruturadas	GovMun

Governo Federal	Ministério da Defesa - DF	Membro da coordenação-geral do Projeto Rondon	Coordenação Estratégica	Entrevista semiestruturada	CoordEstrMD
-----------------	---------------------------	---	-------------------------	----------------------------	-------------

**Fonte:** Dados da pesquisa

### 3.1 Núcleo Extensionista Rondon (NER-UDESC)

Dentro da estrutura de extensão da UDESC, foi criado em 2010, através da Portaria 1192, o Núcleo Extensionista Rondon (NER-UDESC). Com o objetivo de possibilitar o desenvolvimento sustentável do conhecimento acadêmico, cultural e social, possibilita o intercâmbio dos acadêmicos e a inserção da universidade em diferentes áreas de conhecimento e em diversos cenários de Santa Catarina, na busca do desenvolvimento regional, almejando-se, assim, a garantia da interdisciplinaridade, da interação entre a universidade e a sociedade, da qualidade e do impacto das ações de extensão no âmbito da UDESC, reforçando a missão da universidade diante a realidade social (UDESC, 2018).

Dentro os objetivos específicos do NER-UDESC estão: avaliar a realidade social e cultural local e nacional; associar seu campo de formação profissional com as necessidades da comunidade; contribuir para a formação do universitário como cidadão; identificar novas metodologias para atuação profissional aplicada à realidade cultural e social; balizar projetos de atuação cultural e social realizados no país; subsidiar a elaboração e aplicação de oficinas multidisciplinares; integrar o acadêmico ao processo de desenvolvimento nacional, por meio de ações participativas sobre a realidade do País (UDESC, 2018).

Além disso, tem outros objetivos voltados para o fortalecimento da extensão universitária, como conhecer o percurso histórico da extensão universitária; reconhecer a pesquisa e a extensão como indissociáveis na prática pedagógica/ensino; identificar as contribuições da extensão para a formação acadêmica; perceber a contribuição da extensão para o meio acadêmico cultural e social; reconhecer os tipos de técnicas utilizadas em atividades de extensão; distinguir os conteúdos correspondentes à extensão no espaço de campo; identificar os elementos que fazem parte da estrutura de projetos para ações de extensão (UDESC, 2018).

Em uma perspectiva intersetorial, na política de Extensão da UDESC, através da Resolução 007/2011, é posto o incentivo às parcerias entre os setores público, privado, sociedade civil, comunidade acadêmica e comunidade em geral, tendo em vista possibilitar ações interdepartamentais, intercentros, interinstitucionais, sob a forma de consórcios, redes ou

parcerias, bem como promover ações articuladas com os órgãos de fomento e de estímulo às políticas públicas relacionadas às áreas temáticas da extensão.

Nesse sentido, até julho de 2018, o NER-UDESC promoveu 15 operações, com cerca de 10 mil atividades, 2,7 mil extensionistas e 250 mil pessoas contempladas, em 162 municípios catarinenses, 6 do Paraná, 5 de Goiás, 1 no Distrito Federal e 1 da Argentina. O projeto caracteriza-se por um período de 10 dias de imersão nos municípios, onde são realizadas oficinas nas áreas da extensão universitária: educação; saúde; meio ambiente; direitos humanos e justiça; cultura; comunicação e trabalho (UDESC, 2018).

#### 4 RESULTADOS

Através do estudo de campo, ao abordar diferentes grupos de análise, apresentaram-se diversas barreiras de inovação social, conforme Quadro 2.

**Quadro 2. Barreiras no desenvolvimento de inovação social.**

<p><b>Barreiras identificadas na literatura</b>                      Caulier-Grice <i>et al.</i> (2010); Dhondt <i>et al.</i> (2018); Mulgan, (2006); Murray <i>et al.</i> (2010); Chalmers, (2013); Howaldt <i>et al.</i> (2014); Howaldt <i>et al.</i> (2016); Domanski &amp; Kaletka, (2018); Mulgan <i>et al.</i> (2007))</p>	<p><b>Evidências de barreiras encontradas nas entrevistas e grupos focais</b></p>
<p><b>Recursos financeiros</b></p>	<p>Às vezes, a própria contrapartida do município com alimentação para os Rondonistas já pesa financeiramente, muitos municípios deixam de participar por causa disso, e também tem a própria questão financeira da própria universidade como um grande dificultador para podermos avançar (<b>CoordTécProf3, entrevista</b>).</p> <p>Recurso é a principal dificuldade, em termo de orçamento, e em termos de recursos dos municípios para apoiar (<b>CoordEstrMD, entrevista</b>).</p> <p>A questão financeira sempre pesa de alguma forma, como universidade pública com uma única fonte de renda, acaba tendo alguma contenção (<b>CoordTécProf1, entrevista</b>).</p>
<p><b>Falta de engajamento do poder público</b></p>	<p>Para continuar as ações que fazemos tem que ter suporte do poder público depois, e muitos não têm, é uma pena porque a gente faz lá o <i>start</i>, o pontapé inicial, uma sementinha plantada, mas cabe ao poder público continuar, grande parte do problema lá pode ser financeiro, mas não todo (<b>CoordTécProf3, entrevista</b>).</p>

	<p>É complicado quando muda a gestão municipal, entram novas pessoas, nem sempre eles mantêm o contato com a UDESC, quando tem um servidor que tem vínculo com a gente ainda tenta manter as ações (<b>Prof3, grupo focal 2</b>). Para fazer parcerias com a UDESC não depende de uma secretaria somente, a gestão interna é complicada, os gestores da prefeitura têm que comprar a causa, são decisões que envolvem outros departamentos (<b>GovMun2, entrevista</b>).</p>
<b>Falta de apoio institucional</b>	<p>Por incrível que pareça, é um grande projeto reconhecido pelos gestores, mas, às vezes, negado pelos próprios colegas, o entendimento dos professores é importante e, às vezes, não há um entendimento dos nossos pares (<b>CoordEstrProf1, entrevista</b>).</p> <p>O docente participa pouco, e como o professor que tem que coordenar o projeto de extensão, às vezes dificulta o crescimento do projeto (<b>CoorEstrTéc1, entrevista</b>).</p> <p>Eu sinto que alguns setores da universidade não conseguem enxergar o Rondon como ele é, o NER como ele é, para eles é apenas mais um evento da universidade. Alguns setores da universidade encaram isso como mais um evento apenas (<b>CoorTécTéc3, entrevista</b>).</p> <p>A principal dificuldade hoje são nossos professores. Dos professores que não são extensionistas, são pesquisadores. Existe a dificuldade de liberação dos alunos, tem aula, tem prova, muitos deixam de participar por causa dos professores (<b>CoordTécAlu1, entrevista</b>).</p>
<b>Arranjos interorganizacionais limitados</b>	<p>Sobre a parceria com empresas privadas, já teve algumas empresas que tiveram interesse em participar, mas tem umas questões legais que impedem, por exemplo, o projeto tem o custo da universidade, a universidade é pública não pode abrir espaço para uma empresa sem licitar (<b>CoorTécTéc1, entrevista</b>).</p> <p>Precisamos buscar novos parceiros, a universidade se distanciou de algumas parcerias que seriam estratégicas, com órgãos que tem grandes conhecimentos (<b>CoordTécProf1, entrevista</b>).</p>
<b>Lacunas de conhecimento e comunicação</b>	<p>Falta ainda o aluno conhecer a realidade local mais a fundo, as necessidades sociais mais profundamente para poder buscar soluções mais direcionadas (<b>CoordTécProf1, entrevista</b>).</p> <p>Tem muitas prefeituras que não tem uma preparação específica para esse tipo de atividade, não conhece, esse é um dos desafios, oferecer o projeto, mostrar como funciona a logística e encontrar gente que abrace o projeto (<b>Prof4, grupo focal 2</b>).</p> <p>Às vezes a demanda da prefeitura pode ser completamente distorcida do que a comunidade realmente quer, além disso, a gestão municipal pode mascarar os problemas da comunidade, e acabarmos indo para as melhores escolas, melhores creches, entende?! A gente pode acabar não indo para lugares que realmente precisam de uma ação social direcionada (<b>Alu15, grupo focal 3</b>).</p> <p>De fato, às vezes falta comunicação da gestão municipal com a própria comunidade, é nítido quando a gente vai para as oficinas, é fácil perceber (<b>Alu8, grupo focal 3</b>).</p>
<b>Resistência à mudança</b>	<p>Quando o Projeto Rondon veio, teve um pouco de dificuldade inclusive por parte de alguns professores que não eram a favor do diferente, viam como algo bagunçado, que criança solta faz barulho, corre, é uma coisa mais de professores tradicionais, mas não foi a maioria (<b>GovMun2, entrevista</b>).</p> <p>Por mais que a gente leve coisas diferentes, legais, tem pessoas que não querem participar de nada, por exemplo, nas oficinas de primeiros socorros, teve professores que não quiseram participar da prática, é mais de as pessoas participarem do que da administração pública, nesse caso (<b>Alu11, grupo focal 3</b>).</p>

	Às vezes eu penso que nós somos muito acomodados. Porque a gente poderia fazer diferente, mas o diferente assusta fazer ( <b>Comunid1, entrevista</b> ).
<b>Limitação de recursos físicos e de pessoal</b>	A falta de um espaço apropriado para o próprio núcleo, um corpo técnico vinculado só ao projeto Rondon, porque hoje é um projeto que acaba abarcando várias outras ações da própria instituição ( <b>CoordEstrProf1, entrevista</b> ). Tínhamos que ter uma equipe focada só nisso, profissionalizar, dividir, descentralizar, a gente vai acumulando funções, mas como gestor não é o ideal, para os professores já tem a sobrecarga de disciplinas, ir para o projeto exige muito também ( <b>Prof3, grupo focal 2</b> ). A questão do transporte era complicada, durante a formação continuada em Rancho Queimado, às vezes o município tinha que ir até a UDESC buscar os alunos, ajudar a trazer porque vinha uma equipe grande e não era sempre que a UDESC tinha o carro disponível para aqueles acadêmicos chegarem até aqui ( <b>GovMun1, entrevista</b> ).

Fonte: Elaborado pela autora.

Não obstante as barreiras encontradas na literatura, os entrevistados ressaltaram dificuldades específicas do ambiente universitário que afetam diretamente o desenvolvimento do projeto, como o ambiente fechado da universidade e o desprestígio da extensão universitária.

A primeira barreira diz respeito às dificuldades da universidade de se aproximar da sociedade:

A universidade trabalha muito dentro dos seus processos internos, poucas vezes a universidade tem a chance de chegar aos pequenos centros (CoordTécProf3, entrevista).

Eu tinha procurado contato com outras universidades até a possibilidade de desenvolver algum trabalho no nosso município, mas não obtive sucesso (GovMun1, entrevista).

Contudo, os entrevistados enfatizaram que uma das principais barreiras enfrentadas no âmbito universitário é a falta de reconhecimento da extensão universitária como uma atividade acadêmica, que complementa e agregue valor à formação do aluno:

Quando a universidade começa a cortar os recursos, não vão cortar lá do ensino, vão cortar da extensão, é o primeiro lugar onde acontecem os cortes (CoordTécProf3, entrevista).

Existe uma coisa muito complicada na academia brasileira, a maioria dos fomentos são para pesquisa, pouquíssimos são para a extensão (CoordEstrProf1, entrevista).

Vou falar pelo meu centro, o foco é sala de aula, 90% dos professores não está nem aí para o que o aluno faz extracurriculo (Alu3, grupo focal 1).

A extensão é muito desconsiderada na universidade, se você comparar recursos é assustador, via de regra, o recurso da extensão é todo de fora da universidade (Alu15, grupo focal 3).

Eu participei de um projeto de extensão por um ano e eu tive que ouvir de professor: “quando você vai começar a fazer alguma coisa de verdade, que ajude realmente na sua formação?” a extensão não é bem vista, principalmente, na área das exatas que eles valorizam tanto a pesquisa (Alu12, grupo focal 3).

No meu caso, eu não sei o que é fazer extensão com recurso, é tudo voluntário, as bolsas já eram escassas, agora praticamente não existem pelo corte de verba, as bolsas são mais para pesquisa (Alu11, grupo focal 3).



Esse pensamento contradiz a filosofia da extensão como parte indissociável do ensino e da pesquisa, bem como inviabiliza a sua potencialidade de ser instrumento efetivo de mudança da universidade e da sociedade, na busca por justiça social, no fortalecimento da democracia e cidadania, e como um caminho no enfrentamento desses desafios por meio de políticas públicas (FORPROEX, 2012). Por fim, os professores sublinham que o sistema de avaliação da academia contribui para a falta de espaço da extensão:

Os professores universitários são massacrados por um processo que se chama "currículo". Como você quer que o professor doutor que é cobrado para produzir, escrever, desenfreadamente, reaja e vai pegar alunos de graduação e leva-los para uma experiência igual o Rondon? Esse sistema de avaliação é cruel, cruel administrativamente, e cruel enquanto indivíduo (CoordTécProf3, entrevista).

Com esse sistema de produção, as pessoas deixam em segundo plano a extensão, porque as pessoas querem produzir, produzir, um mundo muito reservado para si, uma dúzia de pessoas, é um mundo de publicação que fica arquivado, a comunidade não lê, não dialogam com o mundo real (Prof2, grupo focal 2).

Não obstante os desafios postos, as universidades podem representar parceiros ideais para mitigar as múltiplas barreiras à inovação social, podendo servir como intermediários entre os setores da sociedade, amparar na necessidade do reconhecimento institucional e político, fomentar a provisão e troca de conhecimentos, fornecer P&D para avaliações robustas da eficácia da inovação social e oferecer conhecimento técnico e soluções tecnológicas para acelerar e ampliar as inovações sociais (DHONDT *et al.*, 2018).

Contudo, as universidades precisam entender melhor o que é inovação social e encontrar maneiras de usar os benefícios para estimular o seu próprio desenvolvimento institucional (CUNHA; BENNEWORTH, 2013). Nesse sentido, um caminho interessante é dispor de um espaço físico dentro de suas estruturas, dedicado exclusivamente à inovação social, permitindo que diferentes partes da sociedade se reúnam e tenham acesso aos recursos disponíveis dentro da universidade.

Outro caminho é integrar a dinâmica da inovação social ao longo das três missões - ensino, pesquisa e extensão. Nesse sentido, os entrevistados ressaltaram os desafios pela falta de reconhecimento da extensão na formação acadêmica, o que dificulta a interação universidade e sociedade, bem como o desenvolvimento de inovações. Registra-se que o Plano Nacional de Educação (PNE), aprovado pela Lei nº 13.005/2014, prevê que seja assegurado o mínimo de 10% dos créditos curriculares nos cursos de graduação para programas e projetos de extensão, direcionado, prioritariamente, para áreas de grande pertinência social, o que pode assegurar, ampliar e consolidar as ações extensionistas.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se a preocupação de a universidade estar mais próxima da sociedade, em expandir a formação acadêmica para além da teoria, em compartilhar conhecimentos através de atividades de capacitação, potencializando a formação profissional do aluno e agregando valor às comunidades. Ao trazer uma perspectiva da inovação social, compreende-se a universidade para “fora dos muros”, como protagonista de uma complexa rede de atores, capaz de desenvolver modelos colaborativos, de promover mecanismos de integração e cocriar valor social.

Sobre as barreiras no desenvolvimento de inovação social, destacam-se os recursos financeiros, falta de engajamento do poder público, falta de apoio institucional, arranjos interorganizacionais limitados, lacunas de conhecimento e comunicação, resistência à mudança, e limitações de recursos físicos e de pessoal, o que se coaduna com a literatura. Logo, tão importante quanto o desenvolvimento de inovações sociais é o direcionamento para que isso aconteça, de modo que programas, projetos e políticas universitárias contenham a inovação social como um propósito.

Para a universidade utilizar todo o seu potencial no enfrentamento dos desafios sociais e promoção de desenvolvimento das comunidades é preciso reconhecer o intercâmbio de conhecimentos como um processo de aprendizado mútuo. De modo que o conhecimento tradicional da sociedade seja incorporado na dinâmica universitária e, ao mesmo tempo, as universidades disponibilizem o conhecimento científico e tecnológico à sociedade. Esse caminho orienta a universidade para desempenhar um papel crucial na construção de uma sociedade do conhecimento, inovadora e desenvolvida, bem como ao protagonismo no processo de inovação social.

Para tanto, é necessário à integração entre ensino, pesquisa e extensão, de modo que a união entre teoria e a prática contribua na formação cidadã, e que os alunos sejam instigados a contribuir com soluções inovadoras, compreendendo profundamente os desafios sociais. Vislumbra-se, assim, uma geração social, capaz de articular trabalhos coletivos, modelos colaborativos e combinações de conhecimentos na construção de um mundo melhor.

No caso empírico, compreende-se que o Rondonista, através da troca de conhecimentos, experiências e competências é capaz de cocriar valor junto à sociedade, promover autonomia, empoderamento, ampliar perspectivas e trazer novas possibilidades, o que também pode

fomentar o desenvolvimento de inovações sociais. Portanto, ações orientadas à inovação social alavancaria o potencial do projeto de cocriar valor social junto às comunidades.

Logo, o NER-UDESC pode ser visto como um instrumento para criar conexões duradouras com os municípios, viabilizando a integração universidade-sociedade. E, portanto, espera-se que este estudo possa auxiliar os formuladores e decisores políticos na tomada de decisões, estimulando o desenvolvimento de políticas, colaborações intersetoriais e modelos colaborativos em prol da inovação e bem-estar social.

## REFERÊNCIAS

CAULIER-GRICE, J.; KAHN, L.; MULGAN, G.; PULFORD, L.; VASCONCELOS, D. Study on social innovation. **The Social Innovation exchange (SIX) and the Young Foundation for the Bureau of European Policy Advisers**. Bureau of European Policy Advisers, Young Foundation., 2010, p. 127.

CHALMERS, D. Social innovation: An exploration of the barriers faced by innovating organizations in the social economy. **Local Economy**, 2013, 28(1), 17-34.

CUNHA, J.; BENNEWORTH, P. Universities' contributions to social innovation: towards a theoretical framework. In **EURA Conference**, 2013.

DHONDT, S.; OEIJ, P. R. A.; SCHRÖDER, A. Resources, constraints and capabilities. **Atlas of Social Innovation. New Practices for a Better Future. Sozialforschungsstelle, TU Dortmund University**. Dortmund, 2018.

DOMANSKI, D.; KALETKA. Social Innovation Ecosystems. **Atlas of Social Innovation. New Practices for a Better Future. Sozialforschungsstelle, TU Dortmund University**. Dortmund, 2018.

EUROPEAN COMMISSION. **Social Innovation, a decade of change**. 2014. Disponível em: <http://espas.eu/orbis/document/social-innovation-decade-changes>. Acesso em: 25 abr. 2018.

FORPROEX - Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. **Plano Nacional de Extensão Universitária**. 2012. Disponível em: <https://www.ufmg.br/online/arquivos/anexos/PNEU.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2020.

HOWALDT J.; KALETKA C.; SCHRÖDER A.; REHFELD D.; TERSTRIEP J. **Mapping the World of Social Innovation**. A global comparative analysis across sectors and world regions. Social Innovation: Driving Force of Social Change, 2016.

HOWALDT, J.; BUTZIN, A.; DOMANSKI, D.; KALETKA, C. **Theoretical approaches to social innovation-a critical literature review**. A deliverable of the project: "Social Innovation: Driving Force of Social Change"(SI-DRIVE). Dortmund: Sozialforschungsstelle, 2104.

LETTICE, F.; PAREKH, M. The social innovation process: themes, challenges and implications for practice. **International Journal of Technology Management**, 2010, 51(1), 139-158.

MULGAN, G. The process of social innovation. **Innovations: technology, governance, globalization**, 2006, 1(2), 145-162.

MULGAN, G.; TUCKER, S.; ALI, R.; SANDERS, B. **Social innovation**: what it is, why it matters and how it can be accelerated. 2007.

MURRAY, R.; CAULIER-GRICE, J.; MULGAN, G. **The open book of social innovation**. London: National endowment for science, technology and the art. 2010.

PHILLS, J. A.; DEIGLMEIER, K.; MILLER, D. T. Rediscovering social innovation. **Stanford Social Innovation Review**, 2008, 6(4), 34-43

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 3, 1999.

UDESC. Sítio da Universidade Estadual de Santa Catarina. Disponível em: <https://www.udesc.br/nucleorondon>. Acesso em: 25 abr. 2020.

YIN, R. K. **Estudos de caso**: planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman, 2005.